

DEUTSCH
PORTUGIESSISCHER
JOURNALISMUS-PREIS
PRÉMIO DE JORNALISMO
LUSO-ALEMÃO

1.º Prémio

Maria João Guimarães

A luta dos neonazis pelo poder, aldeia a aldeia

Público, 21 de setembro 2021

Dossiê: Eleições na Alemanha

Público, 19 de setembro de 2021 (Destaque)

Dossiê: Eleições na Alemanha

Público, 20 de setembro 2021 (Mundo)

Público, 24 de setembro 2021 (Mundo)

Público, 25 de setembro 2021 (Destaque)

REPORTAGEM

A luta dos neonazis pelo poder, aldeia a aldeia

Há um estado alemão que é “um laboratório” para a extrema-direita, com campos de treino de tiro na floresta. As crianças são educadas com violência. Quem os contraria é ameaçado. Alguns grupos estão a preparar-se para um mítico Dia X, o dia em que a democracia vai ruir.

Maria João Guimarães em Ludwigslust

21 de Setembro de 2021, 21:30



Antes eram distinguidos pelas cabeças rapadas e roupa de uma certa marca, por provocarem desacatos e ataques nas cidades. Hoje têm barba, as mulheres não usam calças, são ecológicos e defendem um modo de vida tradicional. Neonazis e extremistas estão a aproveitar partes pouco povoadas da Alemanha para fazer campos de treino e até ter locais seguros onde possam esconder-se. “Pensava que eram pessoas que viam demasiados filmes de terror, a brincar aos índios e *cowboys* na floresta, meio malucas, mas inofensivas”, diz o político Heiko Böhringer, da cidade de Ludwigslust (Norte), que acabou por ver o seu nome, e a sua casa, na lista de inimigos de um dos grupos. “Mudei de ideias.”

Um dos primeiros locais onde ficou à vista o fenómeno de a extrema-direita alemã estar a ocupar pequenas localidades no interior foi Jamel que, como Ludwigslust, se situa no estado federado de Mecklemburgo-Pomerânia Ocidental – um estado que, segundo o perito em prevenção Daniel Trepsdorf, é “um laboratório” da extrema-direita. Jamel ficou conhecida pela actividade política de um casal que decidiu fazer oposição à extrema-direita.

Já foi há 17 anos que Birgit e Horst Lohmeyer, ela escritora e ele artista, compraram a casa dos seus sonhos para sair da cidade em que viviam, Hamburgo. Nunca se tinham interessado por política.



Sabiam que um conhecido neonazi vivia no local, mas não tinham noção de que a pequena rua, com meia dúzia de casas de cada lado, separada da sua casa por uma pequena rotunda, estava a ser totalmente ocupada por famílias de neonazis. Foram pressionados a sair. Recusaram e decidiram a partir daí lutar contra os extremistas (<https://www.publico.pt/2011/06/13/mundo/noticia/vizinhos-dos-neonazis-para-lutar-contras-eles-1498554>), com acções locais e um grande festival que acontece todos os anos mesmo nas traseiras das casas dos extremistas. Mantiveram-se mesmo depois de, em 2015, terem sofrido um ataque de fogo posto (um convidado que estava no jardim viu o início do incêndio e por isso não houve mais estragos ou vítimas). Ficaram sob protecção policial.

Este ano, os 300 bilhetes para o festival (menos do que o habitual por causa da covid) esgotaram em dois minutos. Na última sexta-feira, estavam lá as “Omas gegen Rechts” (“Avozinhas contra a direita”) e mais pessoas que vivem perto, curiosas com o que irão ouvir: outra característica do festival é que só se sabe quais as bandas a actuar quando cai uma cortina à frente do palco. Já lá tocaram músicos muito conhecidos, como Die Ärzte, Die Toten Hosen ou até Herbert Grönemeyer.

Mesmo a ouvir o ensaio de som, não se percebe quem irá tocar. O que dá para sentir: um arrepio de estar ali tão perto dos extremistas, como dizem Jacqueline Neuse, 29 anos, e Benjamin Schröder, 39 anos, que trabalham numa grande loja de *bricolage* e fizeram sem problemas as três horas e meia de carro para estar ali, ela já pela segunda vez. “Contei-lhe a ideia, ele adorou e viemos”, diz Jacqueline.



“É bom que não fiquem aqui sozinhos”, diz pelo seu lado a desenhadora técnica Janina. “Sabia que a casa era perto dos neonazis, mas não conseguia adivinhar quão perto”, comenta. O festival tem uma forte presença policial e entradas estritamente controladas logo na estrada de acesso (só há uma entrada na localidade, que é uma espécie de beco sem saída), para evitar que extremistas que vivem lá, ou mesmo que venham de fora, possam criar problemas. Os organizadores pedem também que as pessoas não façam “turismo” na rua dos neonazis.

O festival é uma arma importante, diz Birgit Lohmeyer: “A nossa força está na consistência.” Também os prémios que receberam, por coragem cívica (*Zivilcourage*, algo muito importante na Alemanha), são relevantes: “Muitas pessoas vêem-nos com indiferença ou até animosidade”, conta. Estes prémios mostram a estas pessoas, e aos seus opositores, que o trabalho que fazem é meritório e tem apoio.

Birgit Lohmeyer defende que se divulguem os mecanismos com que a extrema-direita tenta apropriar-se de lugares e instituições. “Fazemos isso com eventos, dando entrevistas e com trabalho político, como formação nas escolas”, diz. “Só se pode contrariar ideias extremistas com educação de qualidade e para o maior número de pessoas possível.”

Crianças mantêm-se fiéis

É o que diz Daniel Trepzdorf, de um centro de prevenção de extremismo com sede em Ludwigslust, por telefone. “As escolas são o nosso ponto de entrada”, já que na Alemanha não é permitido ensino em casa.

Outras estratégias que podem ser aplicadas em cidades, como infiltração de agentes nos grupos extremistas, são impossíveis em aldeias com 20 famílias neonazis.



Mesmo assim, a sua organização já ajudou quatro ou cinco mulheres e crianças a sair destas estruturas nos últimos sete anos. São processos que demoram muito tempo, porque quem sai é logo posto numa lista e pode ser alvo de retaliações, é preciso mudar totalmente de vida e por vezes são necessárias alterações muito semelhantes às dos processos de protecção de testemunhas.

As mulheres são quem mais deixa estes movimentos, em parte por causa da “extrema violência” contra as crianças, diz Trepsdorf. A educação é orientada para “quebrar” as crianças, tirar-lhes a empatia. São ensinadas a disparar armas, forçadas a matar pequenos animais, até bezerros.

Andrea Röpke, jornalista e co-autora de um livro sobre o fenómeno (*Völkische Landnahme: alte Sippen, junge Siedler, rechte Ökos*, qualquer coisa como *Ocupação nacionalista: Clãs antigos, jovens colonos, ecologistas de direita*), também aponta a dureza da educação, em que não é desejada a individualidade, argumentando que esta constitui uma situação de abuso e risco para as crianças. Mas parece resultar. “Hoje, vemos que a maioria das crianças se mantém fiel” a estas ideias e modo de vida.

Nas escolas, os professores são ensinados a reconhecer sinais de que as crianças podem vir de uma destas famílias, conta Trepsdorf. Normalmente, usam roupas mais tradicionais, feitas à mão (as meninas e raparigas não usam calças), não vão a aniversários de outras crianças, entre outros sinais mais directos como cantarem músicas da juventude nazi. Reconhecendo, aprendem técnicas para lidar com as crianças, com a principal preocupação de não as excluir.

Mas as crianças aprendem desde cedo a manter secreta a vida em casa, diz Röpke, por *email*. “A família é considerada a unidade política mais pequena e é importante para a reconquista nacional.”

As mulheres, relata Röpke, não saem do papel tradicional de mães e os homens têm muitas vezes profissões como engenheiros de várias áreas, incluindo de florestas, ou profissões de trabalho manual, e dedicam-se, em paralelo, à agricultura.

O facto de parecerem antiquados faz com que os comparem aos *amish*, por exemplo. A diferença é que estes querem expandir a sua visão do mundo centrada numa ideia de supremacia biológica e lutam por isso. Não querem estar nas margens da sociedade, mas sim no centro. Parte da estratégia é ganhar poder nas pequenas comunidades, com as famílias em geral muito activas nas escolas e instituições locais.

Trazem vida a comunidades envelhecidas e desertificadas e aproveitam as regiões pouco povoadas com muitos espaços livres, onde fazem treinos militares e de sobrevivência, explica Trepsdorf. “Estão a preparar-se para o Dia X”, diz. O Dia X é um dia mítico para a extrema-direita, em que há um acontecimento que precipita o desabar do sistema democrático, e eles tomarão o poder.



Heiko Böhringer era uma das 50 pessoas consideradas como um perigo para o movimento e sinalizadas como alvo para o Dia X. Soube disso em 2019, mas tudo começou anos antes.

O papel da polícia

No ano de 2015, quando ainda não havia qualquer indício de qualquer movimento Nordkreuz (este começaria a esboçar-se no final desse ano), recebeu uma ameaça de morte. Pensa que se deveu à oposição aberta que sempre teve à extrema-direita e ao partido neonazi NPD, que tem representação no parlamento do estado federado, e ainda ao seu activismo pelos limites às turbinas eólicas que, numa região muito pobre, dão rendimento a várias pessoas (que podem participar na compra das empresas que instalam as turbinas e ganhar rendimento da produção de energia).

A ameaça “chegou por carta, era uma ameaça detalhada, sabiam mais da minha vida e da minha mulher do que eu”. Como sabiam? Tê-lo-ão vigiado? Ele abana a cabeça: não faz ideia. Só sabe que foi pensada e preparada. “Não foi um miúdo que se lembrou um dia de mandar uma carta.”

Mal leu a carta, foi direito à polícia. Dois agentes visitaram a sua casa e desenharam uma planta, para saberem onde dormia, onde estava mais e a que horas, por onde se poderia entrar – ficou algum tempo sob protecção policial.



Na altura, Böhringer discutiu com a família o que fazer e, admitindo que o facto de os três filhos já serem adultos ajudou, decidiu manter a sua actividade política. A vida continuou sem grandes surpresas.

Não voltou a pensar muito em nada disto até que quatro anos mais tarde foi chamado para ser testemunha de um processo envolvendo elementos do grupo Nordkreuz. A razão: numa das buscas a casas dos membros do grupo, apareceu uma planta da sua casa. Ele reconheceu-a logo, era a planta que tinha sido desenhada quatro anos antes pelos polícias que foram a sua casa após a ameaça.

Como foi ali parar a planta da casa? Quem passou a quem? Que apoio tem o grupo dentro da polícia? O processo procura ainda dar respostas a estas perguntas.



A investigação ao grupo Nordkreuz começara em 2017, por suspeitas de planeamento de um atentado terrorista. Os investigadores tiveram luz verde para vigiar os seus elementos e foi aí que descobriram os planos para o Dia X e uma lista de compras que incluía sacos para pôr cadáveres. Há ainda uma investigação paralela a três membros do grupo por suspeitas de roubo de uma metralhadora e 10 mil munições da polícia. A emissora alemã Deutsche Welle cita investigadores dizendo que poderá haver quatro grupos com preparativos semelhantes para o Dia X na Alemanha.

Políticos locais ameaçados

O que Böhringer foi sabendo pelo processo: ele era uma de cerca de 50 pessoas que no Dia X deveriam ser procuradas, levadas e “postas num campo” (usa a expressão *Lager*, como em *Konzentrationslager*, campo de concentração). Não conhece as outras pessoas. “Sei que há alguns políticos do partido Die Linke [esquerda radical] em Rostock.”

Böhringer não fala dos sacos para pôr cadáveres que são referidos no processo.

Os planos para o Dia X eram detalhados e previam até uma localização segura para os membros do grupo: um local com acesso a água fresca, um lago que daria para tomar banho e lavar roupa, com veados que poderiam caçar para comer, com abrigo.

“É fácil esconderem-se nestes lugares” onde, diz, usando uma expressão alemã, “a raposa e a lebre dizem ‘boa-noite’”, o que quer dizer: não se passa nada, não há ninguém e, por isso, é o local perfeito para quem quer ficar fora do radar de qualquer tipo de autoridade.

O perigo da extrema-direita ganhou uma nova dimensão com o assassinio do político local Walter Lübcke, em Kassel, em 2019. Há muitos políticos ameaçados (<https://www.publico.pt/2019/12/26/mundo/noticia/politicos-ameacados-alemanha-situacao-tensa-1898506>), sobretudo a nível local. Não há meios para ter protecção policial para todos.

Apesar de tudo isto, Heiko Böhringer continua e na quinta-feira passada está ali a fazer campanha no mercado semanal de Ludwigslust, uma actividade política que tem à margem do seu trabalho de engenheiro. Os temas que o interessam são como levar de novo vida e crescimento à região, cheia de potencial - fala animado de como, quando a Internet funcionar em todo o lado e terminarem as obras na ferrovia, a cidade estará a uma hora, hora e meia quer de Berlim quer de Hamburgo, e de ser o sítio ideal para “trabalhar e viver no meio do verde”. Este é o momento e tem se aproveitar já, defende.

Por isso, em relação à ameaça que tem sobre si, diz apenas: “Tem de se viver com isto. Podia-se escolher não fazer nada, mas...”, encolhe os ombros. Não foi isso que ele escolheu.

Extrema-direita cada vez mais diversificada

A jornalista especializada em extrema-direita Andrea Röpke diz que o movimento extremista se diversificou na Alemanha. “Não se trata apenas de pessoas nas margens da sociedade em camadas com pouca formação”, diz. “Costumava haver uma cultura de direita skinhead com organizações como Blood&Honour. Muito poucas pessoas se identificariam com isso. O mesmo com o NPD [Partido Nacional Democrata, neonazi]. Mas o movimento tornou-se cada vez mais complexo, com o partido nacionalista Alternativa para a Alemanha (AfD), que tem “objetivos políticos radicais semelhantes”, a ter representação nos parlamentos dos 16 estados federados e no Parlamento nacional desde as últimas eleições, quando obteve 12,6%. Para estas eleições, as sondagens dão-lhe 11%.

SUBSCREVA A NOSSA NEWSLETTER SUBSCRITO

TODOS OS SÁBADOS

A semana em podcasts: Aline Flor, Márcio Barcelos e Ruben Martins trazem-lhe novidades e recomendações para trazer nos ouvidos.

Subscrever

- Tomei conhecimento que as newsletter editoriais poderão conter publicidade.** OBRIGATÓRIO

Destaque Eleições na Alemanha

Na Alemanha, o pós-Merkel inspira tanto medo quanto entusiasmo

Há muitos indecisos ainda, o que quer dizer que se deve ter especial cautela com as sondagens, que têm dado o SPD de Olaf Scholz à frente da CDU de Armin Laschet

Maria João Guimarães, em Berlim

Há entusiasmo e há medo. Há quem desejasse mais anos da chanceler, Angela Merkel, à frente do Governo e há quem pense que a democracia teria ganho com limites que não permitissem à mesma pessoa estar 16 anos na chancelaria. Mas o que se nota nas conversas sobre política é o que dizem as sondagens: a apenas uma semana das eleições, ainda há muitos indecisos. Serão 40%, nunca houve tantas pessoas sem saber em quem vão votar tão perto da data.

A campanha foi tendo voltas e reviravoltas e neste momento está à frente o Partido Social-Democrata (SPD), com cerca de 25% na maioria das sondagens. Seria um ótimo resultado, tendo em conta que na última eleição tiveram a pior votação da sua história do pós-guerra, 20,5%, e nas sondagens chegaram a ter valores na ordem dos 15%. A figura de Olaf Scholz, o vice-chanceler e ministro das Finanças (o SPD é o segundo partido na “grande coligação” com os conservadores), foi chave nesta recuperação.

De seguida aparece a União Democrata Cristã (CDU/CSU), que arrisca agora o pior resultado da sua história se se confirmarem os 20 a 22% que tem nas sondagens. É uma queda absolutamente inédita, e o candidato, Armin Laschet, não tem conseguido

reverter. Para esta semana, estão previstos alguns comícios com Angela Merkel, com o partido a tentar capitalizar o partido com a figura da chanceler, a primeira que decidiu não se recandidatar e que sai com uma grande popularidade.

Estas eleições poderão ser as primeiras em que a CDU/CSU e o SPD não conseguem ter, juntos, mais de 50% dos votos.

Os Verdes, que chegaram a ser a promessa da campanha, estão em terceiro lugar com cerca de 16%. Mesmo assim uma grande diferença em relação às eleições anteriores, quando tiveram 8,9%, o que faz deles o partido com menor grupo parlamentar desta legislatura.

De seguida, aparece o Partido Liberal Democrata, o FDP, com cerca de 11%, e é aqui que as atenções se têm concentrado na última semana, já que as coligações que são vistas como mais prováveis seriam chefiadas pelo partido que tivesse mais votos – SPD ou CDU – com outros dois: os Verdes e os liberais. Nunca houve uma coligação assim a nível nacional.

“Mini-Schäuble”

O líder dos liberais, Christian Lindner, está a perfilar-se como potencial ministro das Finanças e tem martelado que não quer aumento de impostos, nem reformar as regras do travão da dívida, nem mudar as regras de

financiamento dentro da União Europeia. Lindner, que um dia disse ao historiador britânico Timothy Garton Ash que “em Berlim só há um ministério”, referindo-se ao das Finanças, deu uma entrevista ao *Financial Times* que lhe deu o epíteto de “mini-Schäuble”, em referência ao ministro alemão inflexível com os países com programas de austeridade ligados aos empréstimos da *troika*.

O investimento pós-covid não deve ser repetido e os países devem voltar a cortar nas despesas, defendeu: “Continuar uma política orçamental ultra-expansionista seria um grande perigo.”

Lindner também já disse que não é necessariamente o partido mais votado que chefia o Governo, mas sim quem tiver uma maioria. Apesar de serem possíveis coligações de “bloco central+1”, ou seja, CDU/CSU com o SPD e os liberais, ou CDU/CSU com o SPD e os Verdes, o mais provável é que o SPD ou a CDU tentem liderar uma coligação sem o outro.

“Cenário de pesadelo”

O que deixa aberto o cenário que a directora do centro de Berlim do European Council on Foreign Relations (ECFR), Jana Puglierin, disse ao PÚBLICO ser “o cenário de pesadelo”: SPD e CDU fiquem com resultados muito próximos – a analista lembra como em 2005 a vitória que



O SPD vai agora à frente com cerca de 25% nas sondagens. Seria um ótimo resultado depois de terem tido o pior da sua história nas últimas eleições



➔ O PÚBLICO acompanha a campanha eleitoral alemã com reportagens da nossa enviada à Alemanha, Maria João Guimarães, e análises de Teresa de Sousa. **Veja em** publico.pt/eleicoes-na-alemanha

se esperava ser muito folgada de Merkel acabou num resultado com apenas um ponto percentual de diferença entre os dois (35,2% para a CDU/CSU, 34,2% para o SPD). Foi, aliás, este resultado que levou à primeira “grande coligação” sob a liderança de Merkel.

Neste cenário, diz Puglierin, cada um dos partidos, SPD e CDU, poderia começar as suas negociações paralelas e o processo poderia arrastar-se de um modo problemático.

Já nas últimas eleições, de 2017, houve uma tentativa de negociar uma coligação entre a CDU/CSU, liberais e Verdes, a chamada “coligação Jamaica” pelas cores dos partidos, preto, amarelo e verde, que terminaram após quase dois meses com a retirada dos liberais de Lindner, que se justificou dizendo que era melhor “não governar do que governar mal” e dizendo que tinha diferenças demasiado grandes com outros partidos. As sondagens castigaram-no por esta decisão, que deixou o SPD quase obrigado a fazer uma “grande coligação” com a CDU para um governo maioritário. E deixou o partido nacionalista Alternativa para a Alemanha (AfD) como o maior da oposição.

Nesta campanha, a AfD não tem tido um papel de muita relevância – os seus temas de eleição caíram no esquecimento e nem o Afeganistão e



Armin Laschet

Demasiado liberal, demasiado renano, demasiado brando

Perfil

Maria João Guimarães, em Berlim

Um político que ascendeu ao centro dos poderosos dentro da CDU (União Democrata-Cristã), mas que é diferente dos políticos típicos da CDU. Armin Laschet chegou ao topo apesar destas características: antes de ser eleito para a liderança da CDU e candidato a chanceler do partido (e do seu gémeo na Baviera, a CSU), teve em 2017 uma vitória eleitoral importante no seu estado da Renânia do Norte-Vestefália – onde governa com os liberais.

Foi na sequência do sucesso improvável que Tobias Blasius, jornalista em Düsseldorf do grupo de *media* Funke, e Moritz Küpper, da rádio DLF, partiram para a ideia do livro sobre um político diferente no panorama da Alemanha. Mas não foram já os últimos dois chanceleres da CDU, Helmut Kohl e Angela Merkel, políticos diferentes dentro da CDU? Sim e não, responde Blasius numa entrevista telefónica com o PÚBLICO.

Laschet partilha algumas características quer com Kohl, quer com Merkel, nota. “Em relação ao percurso de vida, Laschet é parecido com Kohl: católico, entrou muito cedo na juventude da CDU, teve um percurso clássico na política comunal até ao Bundestag [Parlamento]”. Porém, depois diferencia-se de Kohl: “Desde muito cedo que Laschet foi um dos políticos mais liberais da CDU, desde muito cedo procurou contacto com os Verdes, muito cedo defendeu uma sociedade mais liberal – falando da Alemanha como um país de destino de migração, defendendo a liberalização na forma como se olhavam os divorciados ou os homossexuais. Por isso, foi muito cedo dentro da CDU um dos homens mais modernos” – ou seja, “demasiado liberal para a CDU”.

Nesse aspecto pode ser comparado com Merkel. Onde se notam muito as diferenças é no “ofício da política”. “E isso tem-se visto agora”, nota Tobias Blasius: “Ele comunica mal, comete erros

políticos e aí é muito diferente da rigorosa e muito reflectida Angela Merkel.”

“Quando se olha para Laschet nos últimos meses, seja na pandemia da covid, seja na catástrofe das cheias na Renânia do Norte-Vestefália, vê-se um político que se riu, que não conseguia decidir que direcção queria mesmo seguir no combate à pandemia. Estas fraquezas no trabalho político ficaram à vista”, diz Blasius.

O principal problema do candidato conservador é de comunicação, argumenta. “Laschet não consegue mostrar com clareza aos alemães quem é e o que defende e por que lhe podemos confiar o país.”

Cidade entre três países

Não se pode compreender Laschet sem se saber algo sobre o local de onde vem, diz o biógrafo. “Em Aachen, de onde Laschet é, as pessoas são vistas como muito alegres e amigáveis, mas um pouco incertas, pouco rigorosas, e isso sempre foi uma característica dele.” Esta fraqueza ficou exposta no palco nacional, e “tem sido uma verdadeira desvantagem, porque tem um adversário, Olaf Scholz, muito correcto, muito rigoroso, embora talvez um pouco aborrecido, o que não favorece o simpático, mas se calhar sem estofos para liderar Armin Laschet”.

O seu lado emocional e impulsivo tem como lado B o erro ocasional nos detalhes – como já mostrou nos debates. “Isso é típico dele”, comenta Blasius. Por isso: “Demasiado renano”.

Também importante para Laschet é a harmonia. Ou seja: tenta que todos estejam bem, e não magoar ninguém, “o que, às vezes, é um problema”. Blasius acha ainda que Laschet não tem conselheiros suficientemente bons à sua volta “e às vezes repete erros duas, três vezes – algo que nunca aconteceria com Merkel, com quem se poderia ter a certeza de que cometia um erro apenas uma vez”. Como exemplo desta necessidade de harmonia de Laschet, o jornalista aponta um caso nos antípodas, do ministro-presidente da Baviera, Markus Söder, que durante a crise da covid-19 decidiu, a

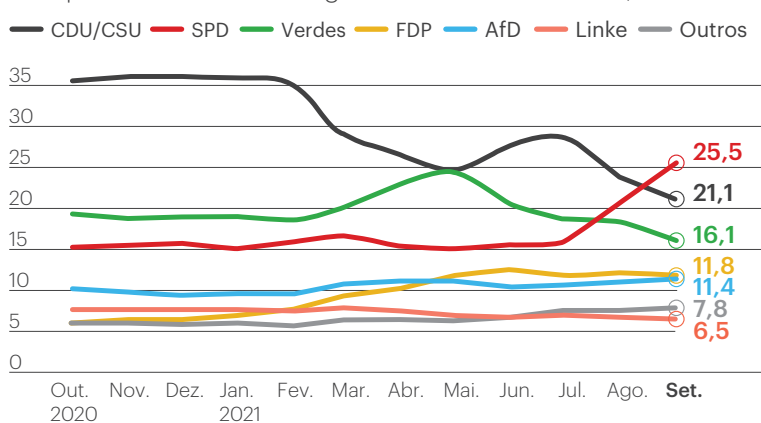
a potencial chegada de refugiados os pôs de novo na ordem do dia. Mesmo a sua tentativa de explorar o negacionismo da covid não tem tido grande eco – embora este movimento seja visível nas ruas, é uma “minoria ruidosa”. Está com 11% nas sondagens, um ponto percentual a menos do que o resultado nas últimas eleições, quando entrou pela primeira vez no Parlamento.

No final das sondagens, aparece Die Linke (A Esquerda), que poderia dar a Scholz outra possibilidade de coligação com os dois partidos vermelhos e os Verdes. Esta opção seria uma novidade e não seria a preferida de Scholz, que é centrista dentro do SPD. Além disso, Die Linke aparece com 6% nas sondagens, perigosamente perto dos 5% necessários para entrar no Parlamento.

Se há quem tema que estas eleições tragam um período de paralisia e incerteza, há quem mostre entusiasmo. A distribuir folhetos numa praça movimentada de Berlim logo pela manhã, um membro do SPD, que não se quer identificar, vai tentando interperlar figuras ensonadas ou apressadas. Diz que está a notar diferença nesta campanha, sobretudo no seu círculo de amigos: “Mesmo pessoas que não costumavam interessar-se por política estão agora a discutir”, declara. “Há a sensação de que pode haver uma mudança.”

Sondagens para as eleições 2021

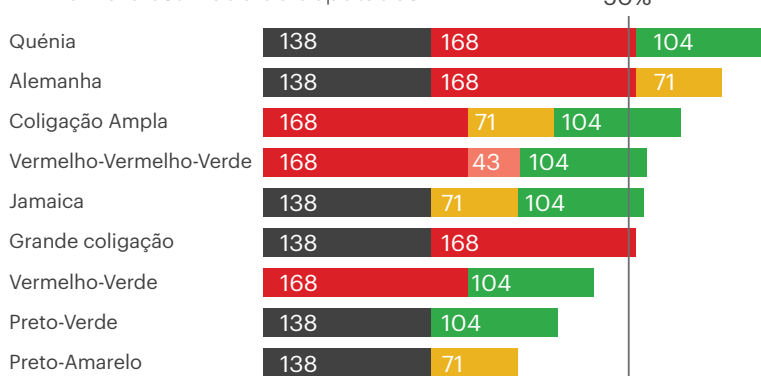
Comportamento das sondagens nos últimos 12 meses, em %



Médias mensais de todas as sondagens realizadas em cada mês
Média no mês de Setembro feita com as sondagens publicadas até 16 de Setembro

Coligações

Em número estimado de deputados



Fonte: www.bundestagswahl-2021.de

PÚBLICO

Destaque Eleições na Alemanha



certa altura, afastar a sua ministra da Saúde. “Armin Laschet nunca faria isso”, sublinha. “É simpático, mas [isso] politicamente pode ser perigoso.” Ou seja: Laschet é visto como “demasiado brando” na CDU.

E, por vezes, é mesmo visto como um pouco cata-vento, segundo Blasius. Na luta contra a covid, tentou o impossível: travar o aumento das infeções, mas relaxar as regras. “A certa altura, já ninguém conseguia perceber o que ele queria mesmo fazer.”

O mesmo aconteceu com o Afeganistão: primeiro disse que não se devia repetir os erros de 2015, depois recebeu a ex-presidente da Câmara Zarifa Ghafari, que conseguiu fugir aos talibã, e disse que acolheria mais pessoas em perigo.

Blasius vê a afirmação sobre 2015 como tática, já que aí Laschet foi dos poucos políticos da CDU que concordaram com a decisão de Merkel de acolher refugiados. Esse apoio teve duas razões fundamentais, explica: a base humanista cristã (“Para Laschet, o C na CDU [União Democrata Cristã] não é só uma letra”) e o medo de, deixando a Hungria e a Grécia sozinhas com o problema, aumentar ainda mais o fosso na União Europeia.

“Nunca seria arrogante”

Esta falta de “clareza e determinação” pode ter um outro lado, positivo: a maior facilidade de compromissos. Será essa a maior qualidade que Tobias Blasius aponta ao político: é alguém que realmente trabalha em equipa, consegue equilíbrios, traz o melhor dos outros, deixa os outros brilhar, não tem um ego gigante, enumera o jornalista.

A capacidade de trabalhar em equipa significa que se o seu partido for o mais votado, Laschet teria um papel feito à sua medida na formação, e chefia, da coligação mais provável, a chamada coligação Jamaica, com Verdes e Liberais, onde “faria de

A maior qualidade que Tobias Blasius aponta a Armin Laschet é a de realmente trabalhar em equipa, consegue equilíbrios, traz o melhor dos outros, deixa os outros brilhar, não tem um ego gigante

moderador entre os interesses climáticos dos verdes e a orientação muito forte para as empresas do FDP”, descreve o jornalista. “Penso que, se for chanceler de uma coligação Jamaica, conseguirá equilibrar muito bem isso.”

Outro modo em que Laschet se distinguiria: “Para ele, é muito importante uma União Europeia forte, desde que o conheci há 16 anos, quando era eurodeputado. E como alguém que cresceu em Aachen, a esquina entre três países, Bélgica, Holanda e Alemanha, é realmente um europeu convicto. Penso que fará tudo para fortalecer novas iniciativas europeias. Ele sempre achou mal que o Governo não tivesse reagido com entusiasmo à iniciativa de Macron e para ele a Europa não é um projecto qualquer, é um projecto de base, essencial.”

Na política europeia e externa, Blasius vê nele um político como Helmut Kohl, “muito forte no nível pessoal” e capaz de seguir outra tradição de Kohl, a de que os grandes países têm de ter em conta os pequenos nas suas políticas. “Com Laschet, nunca veríamos, por exemplo, uma posição de arrogância em relação a Portugal.”

Olaf Scholz

O autómato que quer “pôr mãos à obra”

Perfil

Maria João Guimarães, em Berlim

O que tem Olaf Scholz? Talvez seja mais importante o que não tem: um ego gigante, postura agressiva, atitude “macho”. “Penso que no SPD descobriram do que é que os alemães gostam: não querem que os políticos lutem, querem alguém em quem possam confiar e que lhes dê a sensação de que podem dormir descansados”, disse ao PÚBLICO, por telefone o jornalista Christian Teevs, da revista *Der Spiegel*.

“Por isso é que ele está a copiar Merkel no estilo” – a chanceler não se recandidata e ele é o número dois da coligação que junta os partidos de ambos. “Mas não está a imitá-la nas políticas”, sublinha o jornalista.

Scholz “é um verdadeiro social-democrata”, diz Teevs. “Merkel foi descrita como estando a ‘social-democratizar’ a CDU, mas no centro do seu pensamento não estão coisas como mais justiça social. Scholz é um político mais ao centro [no SPD], mas tem raízes na esquerda, fala muitas vezes de respeito, melhores salários para todos, quer subir o salário mínimo, o que é uma coisa que não se imagina com Merkel”. Aliás, a inclusão de um salário mínimo nacional num programa de governo foi exigida pelo SPD para a “grande coligação” de 2013 e Merkel concordou com relutância, dizendo publicamente que traria consequências para a economia.

Outra diferença entre a chanceler e o seu vice-chanceler: “Scholz acha mesmo que precisamos de uma União Europeia mais política. Não só económica, mas também política.”

Uma esfinge

Voltando à atitude: não se pode dizer que a tentativa de seguir Merkel seja discreta. Um dos cartazes eleitorais de Scholz diz que ele tem capacidade para ser chanceler usando o feminino da palavra (“*Er kann Kanzlerin*”). “Ele quer ser visto como uma Merkel 2.0 em termos de comportamento, e isso vê-se no modo como fala ou como age, mesmo quando é desafiado: ainda recentemente no Parlamento, quando Merkel o criticou, na

campanha, ele escolheu sublinhar que os dois trabalham bem juntos no Governo e não ripostou nem se deixou levar para um confronto” descreve Teevs.

E Scholz consegue ainda ser mais que Merkel, de quem se chegou a dizer que fazia cara de *poker*, mas que foi já traída por expressões faciais, como o revirar de olhos que se lhe escapou ao ouvir Putin no G20 em Hamburgo em 2017. “Scholz é uma verdadeira esfinge. Nunca se sabe o que está a pensar”, diz Teevs.

O jornalista da revista *Der Spiegel*, uma publicação de Hamburgo, cidade-estado que foi governada por Scholz entre 2011 e 2018, conta como numa entrevista em Março, quando o estava em baixo nas sondagens, com os conservadores e os verdes à sua frente, o candidato se mostrava entusiasmado e otimista. Na mais recente entrevista à publicação, já mostrou mais calma e humildade. Teevs diz que não há maneira de saber qual era o seu estado de espírito. Apenas se pode saber que esta foi a mensagem que quis passar.



O candidato cinzento está a protagonizar uma onda de entusiasmo entre os sociais-democratas, que passaram nas sondagens de 14% para 25% nas intenções de voto

O seu mandato em Hamburgo tem sido também usado por Scholz na campanha, em que se apresenta como alguém que – segundo outro dos cartazes eleitorais – “põe mãos à obra”.

O tempo de Hamburgo

“O tempo em que estive à frente da cidade de Hamburgo foi importante para ele e agora fala desse tempo como exemplo do que pode ser feito a nível nacional: por exemplo, o sucesso que lá teve – construir apartamentos, mais casas, é o que quer fazer também na Alemanha”, diz o jornalista, fazendo notar que Scholz costuma destacar o facto de quando assumiu a presidência de Hamburgo não haver casas novas e ele conseguiu que fossem construídas 10 mil por ano: agora, fala em 400 mil novas casas no país. “Está a tentar construir uma história de sucesso. Viram o que fiz lá, pensem o que posso fazer pela Alemanha.”

Claro que foi também em Hamburgo que teve um ponto baixo, quando foi anfitrião do G20 e a cidade acabou por experimentar um nível de violência que Scholz subestimou, com carros incendiados, batalhas campais entre radicais e polícia, etc.

“Algumas pessoas no centro de Hamburgo, onde a violência começou, ficaram muito chateadas com ele. Mas diria que no resto de Hamburgo, 1,7 milhões de pessoas, ele ainda é muito popular. E isto já foi há quatro anos, a maioria dos alemães já se esqueceu”, resume Teevs.

Por outro lado, Scholz está ameaçado por pelo menos dois escândalos, os da Wirecard e da Cum-Ex. Tem sido dito que são dois casos complicados e que os eleitores não conseguem apreender tudo o que significam. Para Teevs, o mais importante é que não houve, até agora, uma “*smoking gun*”. Nada provou que Scholz tivesse alguma responsabilidade.

No primeiro caso, do Wirecard (a empresa de pagamentos electrónicos e com cartões que faliu de modo espectacular e cujos responsáveis estão a ser julgados), o jornalista diz que estava em causa todo o Governo, até Merkel, por isso este será o menos perigoso para o candidato social-democrata.

Já no caso da gigantesca fraude fiscal conhecida



Destaques Eleições na Alemanha

como Cum-Ex, feita através de operações em bolsa, há mais indícios problemáticos, como dois encontros de Scholz com um dos protagonistas, um banqueiro de Hamburgo. “Mas ele diz apenas que não se lembra do que falou com ele. É difícil acreditar nisso quando se conhece Scholz e como se lembra de tudo. Mas ele diz isso, e ninguém consegue provar que não foi assim”, resume.

Um tipo “aborrecido”

Nas inevitáveis comparações com Merkel que têm surgido, Scholz perde ainda por não ter uma história especialmente interessante, diz Teevs. “O ter crescido na RDA [República Democrática Alemã], ter vivido a mudança dos mundos, há uma série de coisas que tornam a carreira dela fascinante” e que moldaram ainda o modo como vê o mundo e a política. “Scholz não tem nada disto: teve uma carreira política típica, de advogado, foi eleito para o Parlamento, foi secretário-geral do [SPD do antigo chanceler Gerhard] Schröder, foi ministro do Trabalho, voltou a Hamburgo para ser presidente da câmara, regressou a Berlim para ser ministro das Finanças”, enumera. “Até no SPD dizem que é muito aborrecido”, diz a rir Teevs. “É totalmente oposto a Schröder, que fez o seu percurso saindo de uma infância pobre e querendo tanto ser chanceler, e usando o seu carisma. Scholz é como uma pessoa que trabalha num banco – não é muito fascinante.”

No entanto, o candidato cinzento e robótico está a protagonizar a maior onda de entusiasmo dos últimos anos entre os sociais-democratas, que passaram de meses com 14%, 15% nas sondagens, e alturas em que chegaram a temer descer dos 10%, para terem agora 25% ou mais, o que pôs o partido à frente da CDU que caiu de modo acentuado.

O que aconteceu é a pergunta que todos fazem: políticos, jornalistas, analistas, sociólogos. “Não pode ter sido só os erros dos outros candidatos”, responde Teevs. “Eles [o SPD] fizeram alguma coisa bem desta vez. Nomearam o candidato muito cedo, já no ano passado, acabaram as lutas internas e hoje estão de acordo em tudo. Prepararam-se para a eleição, souberam que tinham de estar preparados para a primeira eleição a seguir a Merkel - a CDU e os Verdes não fizeram esse trabalho”.

Para Teevs, que acompanha o partido, há no ar uma mudança substancial. “Estão realmente otimistas.” Qual será a última pessoa a deixar transparecer isso? Olaf Scholz.

Annalena Baerbock

A candidata da mudança num país pouco dado a aventuras

Perfil

Maria João Guimarães, em Berlim

Annalena Baerbock tem uma resposta na ponta da língua para algumas perguntas. Como é ser candidata a chanceler com filhos pequenos? “É possível liderar também com família, como mostrou Barack Obama com as suas duas filhas pequenas – o quotidiano com crianças mantém-nos ancorados na realidade.” Como é ser a primeira candidata a chanceler sem experiência executiva? “Não, não tenho experiência governativa. Nunca fui ministra. Mas represento a renovação. Os outros representam o *statu quo*.” Se vai querer a descarbonização da Alemanha até 2030? “Sim, e por favor façam a mesma pergunta aos outros candidatos.”

Teimosa, tenaz, com disciplina de ferro, sempre a tentar controlar os detalhes – Baerbock teve uma ascensão meteórica no partido, que culminou com a sua escolha como candidata na primeira vez que os Verdes apresentam uma candidatura à chancelaria.

Uma das características que lhe permitiu isso: a ousadia. Da London School of Economics, onde fez um mestrado em Direito Internacional Público, foi para Bruxelas como assistente de uma eurodeputada dos Verdes, começando a ganhar fama de boa organizadora e de alguém atenta aos detalhes.

Em 2008, mudou-se para Berlim, onde se estabeleceu com o marido, também ligado aos Verdes, e cimentou uma rede de contactos do seu estado-federado, a Baixa Saxónia, que também estavam a começar as suas carreiras, contou à revista *New Statesman* o professor de política do King’s College de Londres Alexander Clarkson, que também é do mesmo estado. Pouco depois, foi viver para Potsdam, ao lado de Berlim, no estado-federado de Brandeburgo, situado à volta da capital.

A primeira ousadia: concorrer à liderança do partido em Brandeburgo, antiga República Democrática Alemã (RDA), onde o partido ecologista enfrenta, tradicionalmente, dificuldades. Ganhou. Em 2013, foi eleita deputada do partido pelo círculo de Potsdam.

A segunda ousadia: concorrer à



Teve uma ascensão meteórica, que culminou com a sua escolha na primeira vez que os Verdes apresentam uma candidatura à chancelaria

co-liderança do partido em 2018, quando é da ala moderada e o outro candidato com eleição certa era também da mesma ala, o que fazia prever uma derrota quase certa, já que até então o partido tinha sempre dividido a sua liderança, tanto em género como em representação, entre as alas *realo* (pragmática) e *fundit* (radical). “Que se lixe”, terá dito a amigos.

Nas eleições de 2019 para o Parlamento Europeu, os Verdes foram a segunda força mais votada. Baerbock e Habeck receberam os créditos por formarem uma equipa coesa e transformarem os Verdes num partido dividido e de protesto para um partido cada vez mais unido, profissional, capaz de ganhar votos.

Quando surgiu a questão de quem iria ser o candidato do partido a chanceler na primeira vez que os Verdes davam este passo, Habeck disse que seria Baerbock a escolher.

Na maior ousadia de todas, Baerbock decidiu que sim, que ia ser a candidata mais jovem, mais inexperiente, ou seja, a que representaria a opção mais aventureira, num país que não é conhecido por, nas palavras da

jornalista de política Helene Bubrowski, do *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, ter eleitores “muito aventureiros”.

Ataques sexistas

Depois de um entusiasmo inicial que levou a que o partido subisse nas sondagens na altura da apresentação da sua candidatura, começou o esperado duro escrutínio, e os ataques previstos. No entanto, a força da ofensiva contra Baerbock foi muito maior do que o antecipado.

A ONG Avvaz referia que 70% da desinformação era sobre Baerbock e que mais de metade dos eleitores alemães já terá tido contacto com pelo menos uma informação falsa sobre a candidata dos Verdes. Algumas eram tão absurdas como a que queria proibir os animais de estimação.

Esta semana, um relatório publicado pelo Institute for Strategic Dialogue, com sede em Berlim, também comparou os ataques feitos a Annalena Baerbock e aos outros candidatos a chanceler e chegou à conclusão de que não só são maiores, em número, mas também que muitos saem dos grupos de extrema-direita e de teorias de conspiração e estão nos *posts* de Facebook mais populares sobre a candidata.

Baerbock é ainda alvo de uma campanha sexista, que questiona a competência das mulheres na política e chega a fazer troça do facto de ter competido no trampolim, algo que o relatório avisa que pode ter impacto já que dá “ao público uma imagem distorcida” dos protagonistas da campanha.

Parte da questão de ser mulher põe-se também nos *media* nacionais: a jornalista Cerstin Gammelin do *Süddeutsche Zeitung* fazia notar que vários analistas e jornalistas questionavam a capacidade de Baerbock para chefiar o governo sem ter tido experiência em qualquer executivo, nem de um estado-federado, como é tradição, mas não questionavam a capacidade do líder dos liberais, Christian Lindner, que se tem apresentado como um potencial ministro das Finanças numa coligação, que é da mesma geração de Baerbock e também não exerceu qualquer cargo executivo.

Por outro lado, a clara posição de Baerbock e dos Verdes em relação à Rússia (e à China) faz dela um alvo da desinformação russa, que está a

ter um papel relevante na campanha através de meios de comunicação como a RT Deutsch.

“Sempre a 100%”

Annalena Baerbock nasceu em Hanôver e o facto de ter escolhido Potsdam para viver também faz com que seja considerada uma local: quando foi eleita para co-líder dos Verdes, a imprensa de Potsdam destacava que era a primeira mulher da cidade a chegar à liderança nacional de um partido. É ainda a primeira política de topo pós-reunificação a descrever-se como sendo do Leste e do Oeste. Prefere falar de “diversidade” e não de um fosso entre as duas regiões – e vê um fosso maior entre a Alemanha urbana e rural (ela cresceu na rural).

Henri Kramer, jornalista do *Potsdamer Neueste Nachrichten*, que acompanhou Annalena Baerbock, disse ao PÚBLICO que a passagem para o palco nacional trouxe erros que, para ele, foram inesperados por serem totalmente atípicos da candidata. Houve um exagero num cargo incluído no currículo, uma declaração esquecida ao Parlamento de um bônus que recebeu do partido, umas passagens plagiadas num livro. Não são falhas particularmente graves, mas foram amplificadas e receberam por vezes a mesma atenção que o escândalo de uma negociação de compra de máscaras (no início da pandemia, quando estas faltavam), envolvendo deputados democratas-cristãos.

“Tenho-me de facto questionado como foi possível ter cometido erros tão básicos, alguém que em três anos foi sempre tão profissional, sempre absolutamente preparada para qualquer reunião ou encontro, fosse o que fosse, ela estava sempre a 100%”, resume.

Um dos papéis que cimentaram a sua reputação no partido foi o que teve nas negociações para uma potencial coligação com a CDU e os liberais, em 2017, onde foi a responsável pela discussão dos dossiers do fim progressivo do uso de carvão e da política europeia. “Sem dúvida que a sua teimosia vai ser muito bem-vinda em negociações de coligação que poderão incluir os liberais”, diz Kramer. “Estes estão a ser muito insistentes em não ter aumentos de impostos e vão ser negociações muito difíceis” para uma coligação a três, antecipa Kramer. Precisamente aquelas em que Baerbock pode ter uma boa prestação.

Mundo Eleições na Alemanha

Jeremias Thiel conta como é ser pobre na Alemanha

Thiel, autor de um *bestseller* sobre a sua infância pobre, explica que os políticos ainda não conseguem lidar com a pobreza que afecta uma em cinco crianças no país

Maria João Guimarães, em Berlim

Jeremias Thiel diz que o seu caso não prova que “é possível”. Muito pelo contrário, defende, prova que é praticamente impossível sair da pobreza – ele é a excepção e é por isso que o seu caso “é tão celebrado”. Thiel afirma que um conjunto de circunstâncias lhe deu uma rede depois de ter dado um passo para mudar. Sublinha que foi uma excepção entre 2,8 milhões de crianças e jovens pobres na Alemanha. “A ideia de que quem quer consegue é uma dedução muito errada da minha história.”

O caso de Jeremias Thiel, hoje com 20 anos, é impressionante: aos 11 anos, saiu da casa dos pais com o irmão gêmeo e foi bater à porta do gabinete de apoio aos jovens da sua cidade, Kaiserlautern. Queria sair da casa dos pais, que tinham problemas psicológicos e viviam do subsídio para os desempregados de longa duração (Hartz IV). A sua vida não tinha estrutura, era sobre ele que recaíam tarefas básicas e não estava a aguentar.

“Por sorte, a cidade tinha resposta e fui acolhido numa casa na Aldeia SOS”, conta, a partir de Washington DC, onde está agora, numa videochamada com o PÚBLICO. Essa foi uma das razões que o levaram a perceber a importância da acção política: “Se não houvesse essa casa de acolhimento, financiada por boas doações, se o Estado social não tivesse tido resposta, as coisas seriam diferentes”, diz. Por isso, filiou-se no Partido Social-Democrata (SPD) aos 14 anos.

Com a vida regrada na casa de acolhimento, um quarto só para si (e uma chave!), apoio (ainda hoje se lembra de um abraço que recebeu), o seu rendimento escolar melhorou e concorreu a uma bolsa para uma universidade privada no Minnesota. Só contou que tinha concorrido quando

ganhou. Entretanto, está em Washington como parte do programa da universidade e já a pensar que gostaria de estudar mais. Mas, por mais planos que tenha, uma coisa é certa: “A dada altura, vou voltar à Alemanha.”

Acha que vai fazer política, apesar de ter noção de que é preciso a parte da “política partidária de poder” e ele disso não sabe muito. Do que sabe é de pobreza. Os momentos em que a entrevista se torna mais difícil são ao falar do que viveu: “Ahhh, a culpa...” Culpa de ter deixado os pais (sabendo que iriam deixar de receber o complemento por terem filhos se fosse retirado da casa), culpa de ter o irmão gêmeo “a receber 200 euros”, culpa de estar ali a estudar, e até de vez em quando divertir-se, quando a maioria dos outros não consegue.

A pobreza, explica, não é um estado, é uma experiência e a marca nunca há-de desaparecer.

O conhecimento não é, no entanto, apenas o da vivência. Thiel ilumina-se e anima-se quando começa a falar de estratégias contra a pobreza, desde as escolas em que os alunos ficam o dia todo – o que permite ter ajuda para o estudo, actividades, etc. – à “pobreza herdada”, quando, apesar das notas, alunos de famílias de rendimentos baixos não são encorajados a seguir o caminho que lhes pode dar acesso ao ensino superior apesar das boas notas (foi o que lhe aconteceu).

Fala de problemas de planeamento urbano, de subsídios para habitação tabelados de acordo com zonas condenarem pessoas a continuarem nos bairros mais pobres, da falta de mobilidade urbana, que deixam a pobreza fechada sobre si mesma.

Não são só desempregados

Thiel lançou o livro no início de 2020 e este tornou-se rapidamente num *bestseller*. Sente satisfação por ter



A pobreza na Alemanha não é exclusiva de quem é desempregado: um terço das pessoas a viver na pobreza tem emprego



→ O PÚBLICO acompanha a campanha eleitoral com reportagens e entrevistas da enviada à Alemanha, Maria João Guimarães, e análises de Teresa de Sousa. **Veja em** publico.pt/eleicoes-na-alemanha

mostrado quão “assustadoramente normal” é a pobreza na Alemanha.

Poucos meses depois, a jornalista Anna Mayr publicava também um livro sobre pobreza, também ela uma autora cuja família recebe o subsídio Hartz IV. A tese de Mayr: os pobres servem o propósito político de mostrar à sociedade o que pode acontecer se as pessoas não trabalharem. Fala da experiência de ser posta de lado e de como a marginalização de quem é pobre perpetua o problema, deixando as pessoas com menos hipóteses de voltar ao mundo do emprego.

Foi também nesta altura que a Fundação Bertelsmann publicou um relatório sobre a pobreza infantil na Alemanha. A fundação aponta que uma em cada cinco crianças com menos de 18 anos vive em situação de pobreza. A pobreza infantil é um indicador de que tem havido muito poucas melhorias desde 2014, apontava o relatório. “É a grande obra inacabada” da Alemanha, segundo as autoras do relatório.

Com a covid-19, esperava-se que aumentassem os problemas, com

muitos alunos sem computadores para o ensino à distância quando começaram as aulas, e medo que a desigualdade aumentasse mais, já que também as famílias com empregos mais precários terão sido as mais afectadas durante a pandemia.

E a pobreza na Alemanha não é exclusiva de quem é desempregado: um terço das pessoas a viver na pobreza tem emprego, 40% a tempo inteiro, apesar de haver, desde 2015, um salário mínimo nacional (até então era fixado por sectores).

Thiel critica o sistema Hartz IV, que está feito para que as pessoas fiquem mesmo no limite da pobreza, que é definida como ter menos de 60% do rendimento médio do país ou receber alguma prestação social. “Os especialistas dizem que deviam ser mais 300 euros para que se conseguisse uma vida digna”, nota. Muitos críticos do Hartz IV dizem que o seu objectivo é fazer com que as pessoas acabem por aceitar trabalhos mais mal pagos.

Este sistema Hartz IV foi criado pelo próprio SPD, no Governo do antigo chanceler Gerhard Schroeder,



ULLSTEIN BILD/GETTY IMAGES

Recolher garrafas Cinco horas de trabalho por uns poucos euros

Uma das faces visíveis da pobreza na Alemanha são os colectores de garrafas de vidro. Desde que puderam passar a ser entregues em troca de centimos de tara, que as garrafas deixadas em parques ou estádios ou em vários locais das cidades começaram a ser recolhidas por pessoas à procura de um rendimento extra.

Perto de Hackescher Markt, em Berlim, num dia de semana por volta das 8h da manhã, está Silvio, 36 anos, de Dresden, de carrinho de supermercado já bem cheio de garrafas. Vai respondendo às perguntas, embora muito sucinto e a conta-gotas.

Quantas horas de trabalho estão no carrinho? Cinco horas, diz. Quanto receberá? Não sabe, explicando que as taras são diferentes: “Esta garrafa são 25 centimos, esta só 15”, mostra, uma de cerveja, outra de Coca-Cola. Pendurado no carrinho tem um saco grande só com latas, que vão dar mais uns euros. Tudo será levado a um supermercado na Alexanderplatz, ali a dez minutos, talvez mais, tendo em conta o peso do carrinho. Trabalho duro? Silvio encolhe os ombros. Mas agora está livre? Não, vai trabalhar na UPS, onde tem turnos de três horas por dia.

Na maioria dos casos, os colectores não são sem-abrigo – a maioria recebe o subsídio para desempregados de longa duração Hartz IV ou tem reforma antecipada, segundo o sociólogo Alban Knecht, da Universidade de Klagenfurt (Áustria), que estuda o fenómeno nos países de língua alemã. Knecht diz que a recolha de garrafas não despertou logo depois de estabelecida na Alemanha, em 2003, uma tara para que garrafas e latas não fossem deixadas em espaços públicos e fossem entregues para reciclagem, embora tenha criado as condições para que pessoas apanhassem as que encontravam. O fenómeno tornou-se mais comum depois do Mundial de futebol de 2006 na Alemanha e dos muitos locais públicos com ecrãs onde se viam os jogos e que ficavam cheios de garrafas e latas.

Para muitos, a recolha de garrafas dá estrutura, horários de trabalho. Não sendo uma profissão, traz algo de semelhante, diz o sociólogo. E uns poucos euros extras permitem algo mais: “Alguns colectores de garrafas contam, por exemplo, que assim já podem dar-se ao luxo de beber um café, o que de outro modo não seria possível”, explicou à rádio DLF. **Maria João Guimarães, em Berlim**

como meio de incentivar a procura de emprego de desempregados sobretudo de longa duração, introduzindo obrigações e até entraves para receber o subsídio (o nome é de Peter Hartz, que foi director de recursos humanos da VW, que negociara uma redução de salários para diminuir o desemprego).

Thiel acha que “o partido reconheceu o erro” e mudou, defendendo entretanto uma subida do salário mínimo, um rendimento básico para crianças e a construção de centenas de milhares de novas habitações, “tudo medidas para ajudar os mais fracos da sociedade”. Para ele, partidos como os Verdes ou Die Linke (A Esquerda) são “mais académicos” e menos representativos de classes mais desfavorecidas.

Um tópico que também entusiasma Thiel: as eleições de domingo, quando o seu partido está com uma hipótese de vencer. “Não acredito em revoluções, mas sim em reformas”, e o SPD seria, a seu ver, o melhor partido para levar a cabo a luta contra a pobreza.



A ideia de que quem quer consegue [sair da pobreza] é uma dedução muito errada da minha história

Jeremias Thiel

Autor de *Kein Pausenbrot, keine Kindheit, keine Chance: Wie sich Armut in Deutschland anfühlt und was sich ändern muss* (Sem merenda, sem infância, sem hipótese: como é a pobreza na Alemanha e o que precisa mudar)



Desigualdade e pobreza Scholz e Baerbock mostram semelhanças no terceiro debate

Maria João Guimarães, em Berlim

Temas como desigualdade e pobreza sublinharam as semelhanças entre o candidato do SPD e a candidata dos Verdes

O social-democrata Olaf Scholz e a ecologista Annalena Baerbock apresentaram-se neste último debate antes das eleições do próximo domingo na Alemanha como uma frente mais unida contra o candidato democrata-cristão Armin Laschet.

O início do debate foi marcado pela pobreza e desigualdade, em que o Partido Social-Democrata (SPD) e Verdes têm propostas semelhantes, como o aumento do salário mínimo para 12 euros/hora, benefícios fiscais para famílias com menos rendimentos, rendimento básico para crianças, com Laschet, da União Democrata-Cristã (CDU/CSU) a defender que as medidas iriam prejudicar empregadores que criam postos de trabalho e já sofreram com a pandemia.

Num momento de alguma ironia, Laschet disse lamentar que Scholz e Baerbock se distanciassem das medidas do governo de Gerhard Schroeder que juntou SPD e Verdes e criticassem agora os subsídios Hartz IV, para desempregados de longa duração, por serem demasiado baixos e terem demasiadas condições a cumprir para poderem ser recebidos. “Isso não será justo para quem trabalha e ganha pouco”, argumentou Laschet.

Baerbock tinha antes feito a defesa do aumento do salário mínimo para

que não haja pessoas que tenham de ter dois trabalhos, sobretudo mães sozinhas, e criticou ainda a dificuldade em aceder a apoios para as crianças (“demoram uma eternidade a preencher”). E repetiu várias vezes a necessidade de apoiar “mulheres e famílias”, lembrando que os salários das mulheres ainda são mais baixos.

Scholz, sempre com números prontos, disse que os 12 euros/hora ajudariam dez milhões de pessoas. Laschet começou por dizer “naturalmente que a pobreza é má...” e Baerbock, antecipando um “mas”, interrompeu-o: “Mas não vamos fazer nada.”

Na discussão sobre o clima, Baerbock voltou a desafiar Scholz e Laschet por serem demasiado lentos nas medidas. “Os dois representam a continuação do curso actual, nós queremos ter um governo que não tenha apenas meias medidas para o clima.”

Em relação a coligações, Scholz disse que preferiria governar com os Verdes, levando Laschet a levantar, de novo, a hipótese de um governo de esquerda, com SPD, Verdes e Die Linke (esquerda radical). Questionado sobre uma nova “grande coligação” entre SPD e CDU/CSU, Scholz repetiu que acha que a maioria dos alemães considera que chegou a altura de os democratas-cristãos passarem para a oposição.

Desafiados a fazer perguntas uns aos outros, Baerbock perguntou a Scholz o que mais se podia fazer para recuperar verbas da lavagem de dinheiro, já que apenas 1% é conseguido. Laschet perguntou a Baerbock se concordava que Scholz fosse ouvido, hoje, na comissão parlamentar que analisa a potencial falta de acção de uma agência de supervisão de lavagem de dinheiro que depende do Ministério das Finanças.

Os candidatos falaram ainda do atraso na digitalização, da prestação de cuidados a idosos. Mas ficaram de novo de fora a Europa e a política externa. A única referência foi feita por Baerbock para recusar uma crítica de Laschet à proibição de venda de carros com motores de combustão em 2030, dizendo que a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen “que não é dos Verdes mas, como sabemos, do seu partido” quer um fim faseado a partir de 2035.

A sondagem feita após o debate mostrou, como nos dois anteriores, que Scholz foi quem mais convenceu os espectadores inquiridos (42%), seguido de Laschet (27%) e Baerbock (25%).



Olaf Scholz voltou a ganhar o debate, segundo sondagem

Mundo Eleições na Alemanha

Porque é o digital tão difícil na Alemanha? O “pai do MP3”, que é alemão, explica

Karlheinz Brandenburg, que fez parte da equipa que desenvolveu o formato de som, lamenta a falta de conhecimento de políticos sobre o tema

Maria João Guimarães, em Berlim

Todos os partidos querem avançar com a digitalização na Alemanha. O país do orgulho da engenharia, da indústria, da química, da farmacêutica, tarda em conseguir até o básico, que será ter cobertura de Internet alargada, e ainda mais em fomentar que contactos com a administração pública ou empresas se façam *online* e não presencialmente.

Um relatório do European Center for Digital Competitiveness, de Berlim, publicado no início do mês, mostra a Alemanha no penúltimo lugar da Europa em termos de desenvolvimento do digital no ano passado, com a apenas a Albânia pior.

Como enfrentar este desafio não tem, no entanto, uma resposta fácil, diz Karlheinz Brandenburg, durante muitos anos investigador do instituto Fraunhofer e membro da equipa que desenvolveu o MP3, que revolucionou a indústria da música e se tornou omnipresente (a entrevista com Brandenburg foi gravada, claro, neste formato).

Ao falar sobre o avanço – ou, melhor, atraso – da Alemanha nesta área, Brandenburg vai contrapondo sempre um “ainda”. “Algumas coisas funcionam, outras não – ainda”, diz. Acha que é importante dizer que o caminho está a ser feito. Mas também que será bom perceber uma coisa: “Se as pessoas pensarem: ‘Vamos ter acesso rápido à Internet para toda a gente e todos os problemas se resolverão’, bom, isso não é bem assim.”

É preciso ter uma maneira de funcionar diferente. Primeiro, uma certa literacia no uso das tecnologias, como antes era preciso ler e escrever. Uma uniformização no modo de comunicar. Uma mudança na cultura empresarial também.

Por exemplo: “Se eu tenho uma ideia nova, e falo dela a outras pessoas, o que acontece é que me fazem uma série de perguntas a seguir: ‘Pensa realmente que isto vai funcionar?’ ou seja, perguntas sobre entraves e dificuldades. “Nos EUA, a maio-

ria das pessoas responderiam: ‘OK, como o vamos fazer?’”

Outra questão cultural alemã que se dá mal com este mundo de experimentação é a pouca tolerância a falhanços, o medo do erro, e alguma inflexibilidade.

“Nos Estados Unidos, ninguém espera um sucesso à primeira tentativa”, diz Brandenburg, mas na Alemanha é precisamente isso que é esperado. “Ao longo dos anos, tive várias empresas, claro que nenhuma grande, mas também tive a minha pequena empresa de capital de risco, e fui membro de uma comissão oficial que supervisiona investimentos em parcerias público-privadas na Turíngia para investimentos, e vejo isso repetidamente. Recebemos muitas propostas, e olhamos para elas, e às vezes dizemos que não vai resultar, outras vezes prevemos que é uma aposta segura. Mas as estatísticas diriam: da próxima vez, lança um dado”, diz, soltando uma gargalhada. “Não há melhor probabilidade de prever o resultado”, explica o investigador, agora na Universidade de Ilmenau (Turíngia).

“Se fazemos uma coisa pela primeira vez, é muito provável que falhemos. Mas as pessoas já fizeram uma coisa uma vez. Quando começam de novo, ganham experiência sobre o que fazer e o que não fazer.

E isso é mais difícil aqui. Nos EUA, há os chamados *serial entrepreneurs*, e pessoas com três bancarrotas e uma quarta a caminho, até que, finalmente, resulte.”

Na Alemanha, isso seria muito mais difícil. Tal como em relação ao modelo de negócio: “Nas empresas que ajudei a começar, e a continuar, as pessoas têm de ser flexíveis, e quase nunca é possível ter o primeiro modelo de negócio feito e ser logo com esse que se vai ter sucesso.” Neste momento, Brandenburg tem uma nova empresa, com dez pessoas, que acabou de receber o primeiro financiamento público além do financiamento *seed*. “Ainda estamos a anos de saber se o produto vai resultar.”

Apesar de este ser um tema de campanha – renovado, na verdade, já tinha sido, igualmente, na campanha de 2017 – Karlheinz Brandenburg diz que há uma falta de conhecimento grande entre os políticos desta área. “Fico mesmo desapontado com isso”, declara. “Há uma frase da nossa chanceler, que uma vez disse ‘isso é tudo terra incógnita para mim’”, lembra. “Eu diria que nessa altura já não era terra incógnita para 80% da população.” Merkel, chanceler há 16 anos, ainda recentemente lembrou que, quando assumiu o cargo, não existia ainda o iPhone.

O único partido que aponta como tendo algumas pessoas (“não todas, claro”) que sabem do que estão a falar são os Verdes, sentencia. “E não tantos assim nos outros partidos.”

A política não dá geralmente boas respostas a questões colocadas pela tecnologia, queixa-se. “Vamos pôr as coisas assim: há pessoas que tentam fazer coisas por motivos ideológicos, e não ouvem os nossos argumentos porque isso não deve ser feito. Tem acontecido o mesmo com a crise da covid”, argumenta.

Outra analogia que se pode fazer com a covid é o desenvolvimento de algo extraordinário – no caso de Brandenburg foi o MP3, que revolucionou o consumo da música, o meio de produção e divulgação, e que criou



BERND THISSSEN/EPA



A Alemanha estava ano passado no penúltimo lugar da Europa em termos de desenvolvimento do digital. Karlheinz Brandenburg (foto de baixo), inventor do MP3, diz que falta flexibilidade na cultura económica alemã

toda uma outra indústria de produtos associados, como os leitores de MP3. Ainda hoje, os iPhones, iPads e iPods mencionam o Instituto Fraunhofer na lista de tecnologia usada.

No caso das vacinas contra a covid-19, também foi uma equipa alemã que criou em tempo-recorde algo com urgência, aproveitando trabalho de base de investigação de anos e anos.



➔ O PÚBLICO acompanha a campanha eleitoral com reportagens e entrevistas a enviada à Alemanha, Maria João Guimarães, e análises de Teresa de Sousa. **Veja em** publico.pt/eleicoes-na-alemanha



ALEXANDER HASSENSTEIN/GETTY IMAGES



ANNKATHRIN WEISS/REUTERS

Negacionistas da covid-19 Políticos alemães acusam AfD de radicalizar cépticos da covid-19 após homicídio

Clara Barata

O assassinio do trabalhador de uma estação de serviço na cidade de Idar-Oberstein, no estado da Renânia-Palatinado, na Alemanha, por um homem que se recusava a usar máscara contra a covid-19, a poucos dias das eleições legislativas, chocou o país e fez chover críticas sobre o partido de direita radical Alternativa para a Alemanha (AfD) – que o atirador apoiava nas redes sociais.

“Somos contra o ódio que a AfD levou para os parlamentos da Alemanha e que veicula no Bundestag [Parlamento nacional] contra as minorias”, disse Armin Laschet, candidato a chanceler pela CDU-CSU (centro-direita, na foto em baixo).

Konstantin Kuhle, dos liberais (FDP), considerou que a AfD é o principal agente de radicalização política na Alemanha, citado pela televisão SWR. Aliás, muitos políticos frisaram que a AfD está a contribuir para a radicalização dos Pensadores Laterais [Querdenker] – um grupo de cépticos da covid-19 que expressou simpatia pelo assassino nas redes sociais.

O atirador é um homem de 49 anos que discutiu com o funcionário da estação de serviço, um estudante de 20 anos, porque entrou na loja para comprar cerveja sem máscara, e o lojista disse-lhe que tinha de a usar. Saiu, e regressou pouco tempo depois e atirou à cabeça do trabalhador.

O assassino acabou por se entregar à polícia, justificando o acto por se sentir “stressado” com a pandemia e ser contra as medidas para controlar o coronavírus. Disse que se sentia “encurralado e não via outra saída”. Considerou a vítima “responsável, porque estava a fazer cumprir as regras”, contou o procurador Kai Fuhrmann, citado pela imprensa alemã.

A AfD rejeita as acusações. O líder do partido, Jörg Meuthen, disse à televisão ARD que era absurdo estabelecer ligações entre o homicídio em Idar-Oberstein e o seu partido. E definiu o suspeito como “um lunático”.

A Alemanha tem um muito activo movimento de cépticos da covid-19. A maior parte não é considerada extremista – embora tenha havido uma tentativa de invasão do Parlamento em Agosto de 2020. Mas a agência de informações internas BfV alertou que o grupo dos Pensadores Laterais estava a explorar as formas de protesto legais para “provocar uma escalada”, diz a BBC.

Talvez devido a estas bolsas de resistência, só 63% dos alemães estão completamente vacinados contra a covid-19 (52,5 milhões de pessoas). Apesar de a vacinação não ser obrigatória, o Governo começou a pôr em práticas medidas que vão dificultar a vida de quem não se vacina.

A partir de 1 de Novembro, quem não estiver vacinado vai deixar de receber subsídio se tiver de ficar em quarentena, por ter tido resultado positivo no teste ou regressar de uma viagem a um país considerado de alto risco, relata a Deutsche Welle (DW).

“Não é para pressionar, é uma questão de justiça”, afirmou o ministro da Saúde, Jens Spahn, citado pela DW. “Porque deveriam os outros pagar por quem decidiu não se vacinar?”

Outra medida que se pode classificar como de incentivo vigoroso à vacinação entrará em vigor a 11 de Outubro: os testes rápidos deixarão de ser grátis – só serão gratuitos para os que não se podem vacinar por motivos de saúde. Quem confiava nos testes para continuar a ter acesso a espaços como restaurantes, teatros e até alguns locais de trabalho passará a ter de arcar com a despesa, se quiser continuar sem se vacinar.

Activistas lutam por mudanças nas escolas

A pandemia deixou expostas carências na digitalização, e um dos sítios em que isso mais se notou foi nas escolas. Vários locais tiveram problemas com aulas à distância, com problemas na rede de Internet, nos programas, etc. Mas não é disso que os activistas do movimento A Escola Tem de Mudar querem falar. Sim, a digitalização, a falta de condições até nos edifícios, são problemas antigos e que ainda não estão resolvidos. Mas o que é preciso urgentemente é mais pessoal: mais professores, mais pedagogos, mais tradutores, mais força de trabalho para acompanhar melhor os alunos, diz Susanne Kühne, responsável pela comunicação da campanha em Berlim. É preciso investir, diz. O

primeiro problema é que só saem 900 licenciados por ano prontos a entrar nas escolas, quando a necessidade é de mais de 3000, sublinha Kühne. A falta de lugares nas escolas também faz com que haja crianças a fazer viagens de transportes por toda a cidade – “uma hora para lá, uma hora de volta”. Falta sobretudo tempo para ensinar e ajudar crianças que possam ter problemas, cujo número está a aumentar: quase metade tem sinais de ansiedade e 43% têm problemas de sono. “Já não se consegue mudar nada com pequenos passos, com acções pequenas nesta escola ou noutra, com um apoio ou outro” resume Kühne. “A questão é política: o ensino precisa de uma nova direcção.” **M.J.G.**

Em ambos os casos, havia outras pessoas a fazer o mesmo caminho para tentar chegar a algo semelhante, e em ambos os casos a cooperação internacional foi essencial.

Em todas as questões da digitalização na Alemanha, o problema não parece, então, ser o financiamento? “Sim e não”, diz Brandenburg e ri-se de novo, como vai fazendo com as tentativas de procurar simplicidade. “Em alguns casos há financiamento que não resultou, e estamos muito melhor do que há 20 ou 30 anos, mas penso que o número global ainda é abaixo do que devia ser: nos EUA, a quantia de verbas disponíveis é dez vezes mais do que na Alemanha”, aponta.

Se há uma atitude política de que ele não gosta é que “os políticos pensam que podem organizar tudo o que a indústria pode fazer”. Mas, por outro lado, é importante ter financiamento público, porque há ideias que são demasiado arriscadas mesmo para startups, que não conseguem financiamento para poder chegar a ter uma hipótese.”



Destaque Eleições alemãs

Em Feldheim, a energia renovável não tem cor política

Numas eleições descritas como “as eleições do clima”, a primeira localidade com auto-suficiência energética da Alemanha teve a visita de todos os partidos em campanha

Reportagem

Maria João Guimarães, em Feldheim

Uma pequena localidade com apenas uma rua de casas, uma oficina automóvel, uma paragem (onde o único autocarro passa quatro vezes por dia), e onde não há sequer um café ou restaurante, tornou-se um local de peregrinação para pessoas interessadas na mudança energética. Feldheim, em Brandeburgo, o estado federado à volta de Berlim, foi a primeira localidade auto-suficiente em termos energéticos da Alemanha.

Numas eleições que estão a ser descritas como “as eleições do clima”, Feldheim é um exemplo de como a questão da neutralidade carbónica superou os partidos: todos, não só os Verdes, fizeram visitas à localidade. A proeminência do tema terá contribuído para uma subida muito substancial dos Verdes, mas não para manter a candidata ecologista Annalena Baerbock na corrida a chanceler, mas sim o provável segundo partido de uma possível coligação que saia das eleições de domingo.

Aqui, a questão é de tal modo

despolitizada que o presidente da Câmara de Treuenbritzen, Michael Knape, que é independente, confessava que não sabia ainda em quem ia votar. Knape pertencia ao Partido Liberal Democrata, e as suas ideias continuam muito semelhantes às que defende o partido: menos Estado, mais iniciativa privada, regulação menos pesada. Mas em 2012 o partido não dava atenção às questões do clima. “A dada altura, perguntavam-me na rua: ‘Então mas eles dizem que isto é tudo um disparate [o aquecimento global], e nós cá estamos a fazer outra coisa?...’”.

Finalmente juntou toda a equipa para discutir se era preciso um partido “para fazer uma política de raiz liberal a nível local”, e chegaram à conclusão de que não era. “Os problemas não têm cor, e a maioria das respostas também não”, diz, sentado no centro de visitas de Feldheim, com vista para o parque eólico.

Foi ali que tudo começou: em 1995, um estudante de uma localidade a cerca de 100 quilómetros de Feldheim escolheu o local porque é plano e alto, 150 quilómetros acima do nível do mar, o que garante que há vento todos os dias, para instalar turbinas eólicas. Queria pôr quatro, mas falou com os habitantes, e

colocou-lhes a hipótese de uma quinta turbina que podia ser comprada por eles, e alguns decidiram participar, conta Kathleen Thompson, que faz as visitas guiadas em inglês para um turismo especializado que vem aqui ver a mudança energética alemã – Thompson diz que há cerca de 3500 visitas por ano (com a pandemia, a maior parte das visitas do ano passado foram virtuais, e este ano estão a recomençar aos poucos). Entretanto, o parque eólico já tem 47 turbinas.

Mais tarde, em 2004, os agricultores começaram a ficar preocupados porque os preços da batata e da beterraba, que eram a sua principal produção, começaram a descer e o preço da energia a subir, o que era importante para a localidade, que vive também da suinicultura, uma actividade que precisa de bastante aquecimento. Começaram a considerar um sistema de aquecimento alternativo, e foi então que se projectou a central de biomassa, em parceria com a empresa Energiequelle, entretanto constituída para as turbinas. A central é alimentada pelo estrume dos porcos (e um pouco de milho, ali produzido) – e este ainda é, depois, usado para fertilizar os



O projecto do parque eólico de Feldheim começou com quatro turbinas e

A proeminência do tema terá contribuído para a subida substancial dos Verdes, mas não para manter a candidata ecologista Annalena Baerbock na corrida a chanceler



→ O PÚBLICO acompanha a campanha eleitoral com reportagens e entrevistas da enviada à Alemanha, Maria João Guimarães, e análises de Teresa de Sousa. **Veja em** publico.pt/eleicoes-na-alemanha

campos. O gás produzido gera electricidade que vai para a rede nacional e aquece a água do sistema de aquecimento das casas e da fábrica da suinicultura.

A compor a mistura de fontes de energia está um campo de painéis solares, instalado em 2008, quando a central de biomassa entrou em funcionamento. Estes estão num terreno de 25 hectares onde antes era uma estação militar e de espionagem soviética (estamos na antiga República Democrática Alemã – RDA), que não pode ser usado para agricultura por ainda ter túneis e outros materiais no solo.

Espírito pioneiro

Ou seja, este foi um projecto com um início nada organizado, muito pouco de acordo com o espírito do país, de regras apertadas, que Knape critica. “Precisamos mais do espírito antigo de sermos pioneiros, de experimentarmos, como fizemos antes, com o automóvel.” Aqui, a necessidade aguçou o engenho. “Hoje, com as regras actuais, não haveria Feldheim.”

O facto de ser um local pequeno, com muitos dos 130 habitantes envolvidos na agricultura organizados numa cooperativa, tornou mais fácil envolver a comunidade nas decisões tomadas,



TOBIAS SCHWARZ/REUTERS

a possibilidade de uma quinta, comprada pelos habitantes. Hoje são 47

um aspecto fundamental para ter tido sucesso, diz Kathleen Thompson.

Como foram pioneiros, foi uma batalha para conseguirem algumas coisas, sublinha Knappe. Por exemplo, a luta com a eléctrica E.ON, que recusou que a sua rede fosse usada, levando a localidade a construir a sua própria rede independente.

Foi preciso dar garantias e garantias e garantias, diz o presidente da câmara, porque as regras impõem que haja um plano A, um B, um C, e por aí fora, para garantir que não há cortes de energia.

Para assegurar a estabilização do fornecimento e evitar cortes ou aumentos de energia na rede, que são dois dos principais problemas potenciais com as renováveis, a localidade possui uma unidade de armazenamento. São 3360 baterias de lítio – o equivalente a 52 mil smartphones, a um custo de 12,5 milhões de euros – feitas na Coreia do Sul, enumera Thompson. Começaram a funcionar em 2015, e hoje seriam muito menores, e mais baratas, diz a guia, já que a tecnologia está a avançar muito depressa. A ideia original era uma pequena bateria para a localidade, mas não era financeiramente viável.

Quando foi tomada a decisão de ter uma rede de distribuição própria, os habitantes escolheram participar, e investir eles próprios, 3000 euros pelas ligações à rede eléctrica e de aquecimento (houve ainda investimento da Energiequelle e da União Europeia), e tornaram-se accionistas da empresa de energia de Feldheim. Em 2010, tornou-se assim oficialmente a primeira localidade com auto-suficiência energética da Alemanha, o que ainda é sublinhado na placa à entrada da rua da cidade.

Knappe sublinha que os habitantes são os empresários: são eles que tomam as decisões, inclusivamente sobre os preços. A factura é ali muito mais baixa do que noutros locais: 19 cêntimos por kw/h, contra 25 a 30 fora dali.

Num interior desertificado, em Feldheim não tem havido saída de pessoas e, refere Knappe, até houve um casal que decidiu mudar-se para a localidade pela sua independência energética.

Knappe e Thompson sublinham sempre, no entanto, o ponto essencial aos visitantes de outros países: este não é um modelo que pode exportado. Feldheim aproveitou as suas características e cada local tem de encontrar as suas.

Greta Thunberg em Berlim a dois dias das eleições “Vão votar – mas isso não chega”

**Maria João Guimarães,
em Berlim**

Activista pelo clima falou na manifestação em frente ao edifício do Parlamento alemão que juntou 100 mil pessoas, diz a organização

Em ambiente de festa, com bolas de sabão no ar, música e dança, a manifestação pelo clima em frente ao edifício do Parlamento alemão juntou dezenas de milhares de pessoas, com algumas, nem todas elas crianças, mascaradas: vários ursos polares, uma onça, um astronauta com um cartaz a dizer: “Não há planeta B.”

Numa data importante, as atenções concentraram-se na activista pelo clima Greta Thunberg, que deu uma série de entrevistas e discursou também no local, apontando que a Alemanha é o quarto emissor mundial de dióxido de carbono da História, o que “é um feito”, tendo em conta os seus 80 milhões de habitantes. “Vão votar, é preciso votar”, aconselhou, contrapondo: “Mas isso só não chega. Temos de continuar a ir para as ruas?”

A greve climática decorreu em várias cidades alemãs e pelo mundo fora, com protestos em mais de 1500 locais diferentes. Em Berlim, a organização falou de cem mil pessoas presentes.

Na manifestação de Berlim junta-

vam-se movimentos de várias correntes ecológicas, desde a protecção dos animais até à defesa dos direitos humanos, passando pela luta contra a pobreza. Também se fizeram representar alguns partidos políticos, como os Verdes, A Esquerda (Die Linke) ou a Juventude Social-Democrata.

Contra os políticos

No entanto, muitos criticavam a falta de atenção da política ao problema do aquecimento global, dizendo que, embora os partidos digam que é preciso que o planeta não aqueça mais do que 1,5 graus, não há medidas nos seus programas eleitorais que permitam que esse limite não seja ultrapassado.

Nos cartazes, notava-se a animosidade em relação à política, em especial contra dois partidos: a União Democrata-Cristã (CDU) e o Partido Liberal Democrata (FDP), que são os que mais dizem que é preciso diminuir as emissões, embora com cautela, para não prejudicar a economia.

Sentados no chão, quatro alunos de 14 anos respondem com algum enfado às perguntas. A razão de estarem ali? “A nossa sobrevivência...?” Se têm esperança nas eleições? “Depende do partido que for mais votado”, afirma um deles. “Não, tudo depende dos lobbies”, contrapõe outro. Certo é que “assim não vamos lá”, garante a única rapariga do grupo (nenhum quis ser identificado). Já participaram “numas 12 ou

15” manifestações pelo clima. “Mas esta é a maior.”

A luta contra o aquecimento global está a ser marcada pela acusação de falta de solidariedade geracional, com os mais novos a afirmarem que os mais velhos lhes deixam um planeta em risco. “O pacto intergeracional foi quebrado”, lê-se no cartaz dos activistas em greve de fome, que eram originalmente sete (já houve dois hospitalizados, um regressou e continuou o protesto). Do grupo, há duas pessoas que anunciaram agora que se vão recusar até a ingerir líquidos, exigindo que o candidato à frente nas sondagens se reúna com o grupo, que protesta desde Agosto.

No entanto, há muitas pessoas mais velhas a protestar. A pouca distância, pode ver-se a passar um cartaz com uma imagem do planeta Terra em forma de coração e a palavra de ordem “Omas for future” – *oma* é a palavra carinhosa para avó. Elke Janning, de 72 anos, é activista também nas Omas gegen Rechts, contra a extrema-direita. Noutro cartaz, tem, mesmo em inglês, “I can’t believe I’m still protesting this shit”.

Elke Janning já se manifesta “há muitos, muitos anos, pelo clima, por energias renováveis, por melhores transportes”, garante. Fica contente de ver a geração mais nova a assumir esta luta, e deixa um conselho: é preciso ter paciência e não desistir. Se ainda tem esperança? “Claro que sim. Mas é preciso continuar a espiçar os políticos.”



Greta Thunberg à frente do protesto pelo clima junto ao Parlamento alemão, em Berlim